



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 4, v. 1 | nov 2015.-abr. 2016
p. 04-21.

“Um cu muito bonito, o da bicha”: notas de uma escritura *queer* em João Gilberto Noll

Mayana Rocha Soares¹

RESUMO: A literatura brasileira contemporânea já aponta para uma escritura da diferença, ou seja, uma produção artística que transita por caminhos literários que provocam desestabilizações em leitores e leitoras, seja estética ou estilisticamente; seja de cunho político, social ou ideológico. A escritura *queer* propicia um desvio, uma quebra na expectativa clássica da narrativa, e surpreende com a sua capacidade de desterritorializar, desde a estética até o conteúdo. A literatura de João Gilberto Noll caminha por essas tessituras, fragmentando os espaços, apresentando personagens-*flaneur* e, sobretudo por pautar temáticas que criam tensão com a lógica heteronormativa, acerca do gênero, sexo e sexualidades, por meio da instabilidade e de uma narração demasiadamente estilhaçada. Nessa perspectiva, proponho aqui uma análise de personagens nollianas e da sua própria escritura literária, através do romance *A fúria do corpo* (1981). O cu, como uma potência subversiva, aparece na obra de Noll como uma estética da feiura, um *locus* de questionamento e resistência de uma sexualidade não heterossexual, rompendo assim com a compreensão clássica do corpo apenas reprodutivo e do cu como uma área exclusiva de excreção, não habitável e fora dos limites do desejo. Em *A fúria do corpo*, há uma potência narrativa e também estética que situa o corpo humano fora dos limites da aceitabilidade social: dois corpos vagabundos que transitam nas ruas do Rio de Janeiro, em meio a um contexto de ditadura militar, muita repressão, mas também muitos escapes, como linhas de fuga, e subversões. A observação dos escapes, das subversões à norma e dos contínuos processos de reterritorialização podem ser vistos por meio de inúmeras representações artísticas, literárias, culturais e identitárias. A pós-modernidade não só permite a transgressão da linguagem, dos corpos e das identidades, bem como estimula a ruptura com o “velho regime” literário, tendo em vista o atual contexto multifacetado da existência humana e da produção de subjetividades. Este contexto de flexibilidades existenciais proporciona a evidência de uma escritura literária desviante. Utilizo aqui a compreensão de “práticas de si”, de Foucault; o conceito de “escritura”, em Barthes; os principais conceitos em Deleuze e Guattari, como devir, fluxo, desejo e corpo sem órgãos, além dos conceitos de gênero/sexo e performatividade de Judith Butler e demais teóricas/os dos estudos *queer*.

PALAVRAS-CHAVE: João Gilberto Noll; *A fúria do corpo*; escritura *queer*.

Abstract: The contemporary Brazilian literature points to a difference scripture, in other words, an artistic production which passes through by literary ways and cause destabilization in readers, whether aesthetic or stylistically; whether political, social or ideological. Queer writing provides a deviation, a rupture in the classical expectation of a narrative and surprises with its ability to deterritorialized, from aesthetic to the content. João Gilberto Noll literature walks for these compositions, fragmenting spaces, showing flaneur-characters and above all they guide thematic which tensioning the heteronormative logic about gender, sex and sexualities, by the way of instability and a too splintered narrative. With this in mind, I propose an analysis of Noll's characters and his own

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação Estudo de Linguagens (PPGEL) - Universidade do Estado da Bahia (UNEB).
E-mail: myrs_84@hotmail.com

Recebido em 14/10/15
Aceito em 04/12/15

literary writing, through the novel *A fúria do corpo* (1981). In this writing, the ass hole, as a subversive power, it appears at the Noll's work like an ugliness aesthetic, a questioning and resistance *locus* of a non-heterosexual sexuality, breaking with the classical comprehension of a only reproductive body and the ass hole like an exclusive excretion area, inhabitable and beyond desire boundaries. In *A fúria do corpo* there is a narrative power and also aesthetic that situates the human body beyond the limits of social acceptability: two vagabond bodies that move themselves in the Rio de Janeiro streets, in a military dictatorship context, a lot of repression, but also many flights, as escape lines and subversions. The observation of flights, subversions to the norm and reterritorialization continuous process can be seen through innumerable artistic, literary, cultural and identity performances. Postmodernity has been permitted not only the language, bodies and identities transgression, but also has been stimulated the rupture with the literary "old regime", in view of the current multifaceted context of human existence and the production of subjectivities. This existential flexibilities context provides evidence of a deviant literary scripture. In the composition of this paper, it is used the understanding of "practices of the self," Foucault; the concept of "scripture" in Barthes; the main concepts in Deleuze and Guattari becoming and a body without organs, and also the gender / sex and performativity concepts of Judith Butler and other queer studies theorist.

Keywords: João Gilberto Noll. *A fúria do corpo*. Queer writing.

Resumén: La literatura brasileña contemporánea apunta a una escritura de la diferencia, es decir, una producción artística que pasa por formas literarias que causan desestabilización em lectores y lectoras, ya sea estético o estilístico; ya sea político, social o ideológico. Escritura Queer ofrece una diversión, una ruptura en la expectativa de la narrativa clásica, y sorprende con su capacidad de desterritorializarse, la estética hasta el contenido. La literatura de João Gilberto Noll camina estas tesituras, fragmentando el espacio, con los personajes-flaneur y, principalmente, por las cuestiones guiadas que crean tensión con la lógica heteronormativa acerca de género, sexo y sexualidad, por la inestabilidad y una excesivamente la narración destrozado. Esta és la perspectiva que propongo aqui, un análisis de personajes nollianas y su propia escritura literaria, a través de la novela *A fúria do corpo* (1981). El culo, como un poder subversivo, aparece en la obra de Noll como una estética de la fealdad, cuestionando locus y la resistencia de una sexualidad no heterosexual, rompiendo así con el entendimiento clásico del cuerpo justo reproductiva y el culo como una zona exclusiva de la excreción, no habitables y fuera de los límites del deseo. En *A fúria do corpo*, hay un poder narrativo y estético que coloca el cuerpo humano más allá de los límites de aceptabilidad social: dos cuerpos vagabundos que se mueven en las calles de Río de Janeiro, en un contexto de dictadura militar, tanto la represión, pero demasiadas fugas, como líneas de fuga y subversiones. La observación de las fugas, la subversión del proceso de recuperación estándar y continua puede ser visto a través de numerosas actividades artísticas, literarias, culturales y de identidad. El posmodernismo no sólo permite la transgresión de la lengua de los cuerpos e identidades, así como estimula la ruptura con el "antiguo régimen" literario, dado el contexto actual de múltiples facetas de la existencia humana y la producción de subjetividades. Este contexto de las flexibilidades existenciales proporciona la evidencia de una escritura literaria desviada. Utilizo aquí la comprensión de "prácticas de sí", Foucault; el concepto de la "escritura" en Barthes; conceptos clave en Deleuze y Guattari, como devenir, flujo, el deseo y el cuerpo sin órganos, además de los conceptos de género / sexo y la performatividad de Judith Butler además otras teóricas/os de los estudios *queer*.

Palabras clave: João Gilberto Noll. *A fúria do corpo*. Escritura *queer*.



1. A ambivalência literária de Noll: entre o cânone e as portas dos banheiros públicos

A estética, o conteúdo temático e a potência da voz que emana de uma determinada escritura compõem o tom, o sabor e fertilidade de uma obra literária. Isso quer dizer que uma autoria se estabelece através do eco que consegue produzir em um determinado tempo e espaço social. A produção literária de Noll não produz o eco mercadológico com que comumente medimos a popularidade de um autor ou de uma obra literária. Ao invés disso, tem produzido uma escritura potente para se pensar a contemporaneidade, os sujeitos, os corpos e, sem sombra de dúvidas, vem construído uma literatura que problematiza o pensamento humanista, estrutural e iluminista.

João Gilberto Noll é, sem sombra de dúvidas, um dos maiores expoentes da literatura brasileira moderna e contemporânea, seja pela notória quantidade de produções literárias (contos, microcontos, romances, antologias), seja pelos títulos e premiações recebidas. Gaúcho, formado em Letras, professor de comunicação, exímio *flâneur*, escritor de treze romances, três coletâneas de contos reunidos, e participante de treze antologias, Noll goza da participação do cânone literário com uma escritura politicamente perturbadora e potencialmente furiosa. Dos treze romances, possui cinco traduzidos e publicados em outros países. Várias obras foram adaptadas para o cinema e para o teatro². Ganhou com o seu primeiro livro de contos, *O cego e a dançarina*, em 1980, o primeiro Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, além de muitos outros títulos e prêmios³. Os últimos foram em 2004, ao receber o prêmio “Ficção” da Academia Brasileira de Letras, com a obra *Mínimos, múltiplos e comuns* e, em 2009, recebeu o prêmio “Fato literário”, pela publicação de *Acenos e afagos*⁴.

Tais feitos se tornaram ainda mais interessantes quando observei que todos estes títulos e premiações demonstram a sua plasticidade de atuação autoral. Explico-me: participa do cânone ao mesmo tempo em que se esfrega nas vertiginosas escrituras das portas de banheiros públicos⁴. Essa conjunção paradoxalmente combinada provoca uma atração por suas obras, personagens e vagações, tendo em vista a tamanha curiosidade que suscita em se conhecer um pouco mais dessa construção artística banhada pelas práticas de si, pelo potencial da abjeção dos corpos e dos sujeitos, pelas tecnologias das masculinidades, pela escatologia e pelo homoerotismo.

² Premiações e títulos: 1981, 1994, 1997, 2004 e 2005.

³ Informações retiradas do site oficial do autor. Disponível em: <<http://www.joaogilbertonoll.com.br/cronologia.html>>. Acesso em: 13 set. 2015.

⁴ Entrevista com João Gilberto Noll, proferida por ele, realizada pelo programa Imagem da Palavra, em 2013, por ocasião do seu mais novo romance, *Solidão continental* (2012).



É justamente nesse contexto que este trabalho se insere⁵: interessa-me compreender em que medida se pode considerar a obra nolliana uma *escritura da diferença*. Para tanto, analiso aqui a obra *A fúria do corpo*, de 1981, seu primeiro romance, visando, principalmente, encontrar em sua estética da feiura, a possibilidade de uma escritura anárquica, subversiva, política, perturbadora, abjeta, *queer*. O cu aparecerá aqui como um *locus* da abjeção e do desejo, de modo que não apenas existe como função meramente excretora ou que sentencia uma prática sexual e/ou identitária, mas para além disso, reivindica o espaço do prazer, do sonho e da beleza, sem higienizações ou processos de patologizações. O corpo esvazia-se de sentido puramente reprodutor e funcional, e adquire novas percepções e sentidos, como um “corpo sem órgãos”, que se realiza pela sua exterioridade, pelos desejos e suas rotas de fuga que sempre encontram caminhos para driblar as normas.

Aparece na obra uma escritura que favorece a visibilidade de uma produção literária (dentre muitas outras) que rompe com normalizações sexuais e de gênero, que promove uma ruptura com a estética de corpos higienizados, tendo o cu como uma fonte revolucionária de poder e, sobretudo, com a construção de uma narrativa “monstro”, que incomoda pela existência de xingamentos, de palavras cruas, pelo rebuscamento exagerado, pelos nomes que ocupam o espaço do “não apropriado” e pela capacidade de estabelecer conexões afetivas e desejanças através da abjeção.

2. Produzindo escrituras

Falar de escritura, em uma leitura barthesiana, é produzir “a escritura, que, a princípio livre, é finalmente o elo que acorrenta o escritor a uma História que já está acorrentada [...]” (BARTHES, 1972, p. 123). Esta percepção sobre a escritura revela duas perspectivas acerca da produção literária: primeira, não é possível pensar em uma literatura separada do contingente histórico a qual está vinculada; segunda, o princípio de autoria está intrinsecamente associado a um posicionamento ideológico, acorrentado aos saberes de uma dada época, em uma dada sociedade.

É possível, então, pensar que toda produção literária seria, *a priori*, uma escritura? Obviamente sim. No entanto, segundo Barthes (1972), há em uma escritura, seja de uma autora ou de um autor, seja de uma escola, um escape mais evidente e eficaz ao formato textual estilístico e temático; uma produção textual “terrorista”, que subverte certa estabilidade narrativa; um engajamento político-social que está para além das convenções sociais e políticas estabelecidas, e que, portanto, promove uma ruptura com normas sociais, padrões morais e pressupostos

⁵ Este trabalho é fruto dos minhas primeiras reflexões para a pesquisa de mestrado, acerca da obra de João Gilberto Noll e da escritura *queer*, no Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).



ideológicos hegemônicos, que tem a capacidade de inquietar, instigar e desterritorializar o público leitor. A escritura é a revelação de uma autoria, um *ethos*, uma solidariedade discursiva historicamente situada, um estilo, uma temática e uma escolha discursiva, que evidencia a ligação exata entre escritor e sociedade (MAIA, 2014).

Sendo assim, a “escritura”, para Barthes (1972), diferentemente da “escrita”, invoca uma singularidade histórica alicerçada em um engajamento político-social, mesmo que isso não seja de total consciência para quem escreve. Isso quer dizer que, ainda segundo Maia (2014), há possibilidade de produções literárias de épocas e escritoras/es distintos compartilharem escrituras semelhantes, que estejam envolvidas em um mesmo projeto político textual. Como afirma Barthes (1972, p. 126),

O que separa o “pensamento” de um Balzac e o de um Flaubert é uma variação de escola; o que opõe a escritura de ambos, é uma ruptura essencial, no momento exato em que duas estruturas econômicas formam uma charneira, acarretando, na sua articulação, modificações decisivas de mentalidade e de consciência.

É possível, por exemplo, pensar em escrituras literárias que estão situadas em momentos distintos, mas que percorrem um mesmo *ethos*. Convido a pensar a produção literária de Clarice Lispector, James Joyce e João Gilberto Noll. Não há como não compreendê-los em suas singularidades: a imersão no interior psíquico em Lispector; o cosmopolitismo, o jogo de imagens e analogias em Joyce; o grotesco e as vagações em Noll. Características que aproximam essas escrituras de escolas literárias, e que também revelam suas singularidades, mas, ao mesmo tempo, uma solidariedade rebelde que os emancipa e os liberta: uma escritura que os amarra à história.

A autoria inscreve-se, nesse contexto, como a “função-autor”, conforme Foucault (2002), ao afirmar que um nome de um autor não é um nome como os outros, pois carrega em si um discurso, uma filiação, uma singularidade:

Em suma: o nome de autor serve para caracterizar certo modo de ser do discurso: para um discurso, ter o nome de autor, o facto de se poder dizer “isto foi escrito por fulano”, indica que este discurso não é um discurso quotidiano, indiferente, um discurso flutuante e passageiro, imediatamente consumível, mas que se trata de um discurso que deve ser recebido de certa maneira e que deve, numa determinada cultura, receber certo estatuto [...]. A função autor é, assim, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade (FOUCAULT, 2002, p. 45-46).



A autoria, então, cumpre um importante papel na produção e disseminação dos saberes nas sociedades ocidentais. No entanto, Foucault chama a atenção para não se compreender este “autor” jamais de forma trans-histórica e universal. As sociedades projetam o exercício da autoria e esta é subjacente à cultura. A função autor desempenha o papel de articulador de discursos situados historicamente e de formação de discursividades, a qual se permite tanto a criação de uma escola, quanto a plasticidade de produções de contestação (FOUCAULT, 2002). Desse modo, a produção literária revela uma escritura autoral, singular, que expõe uma função autor e que também potencializa a emergência de leitoras/es engajados com os desdobramentos políticos emanados do texto.

Então, visto que nem sempre há um engajamento ideológico e político de produção deliberada na perspectiva barthesiana, a escritura dependerá em maior grau das leituras que dela são feitas, que necessariamente de sua produção, e, assim, evidencia-se a importância do leitor, não como mero *descriptor*, mas como o destino potencialmente revolucionário para o qual a escritura é produzida (BARTHES, 1984).

2.1 Quando uma escritura *queer* grita

A crítica literária há muito evidencia a narrativa moderna com os aspectos que correspondem aos termos de “estranhamento”, “subjetivismo” e até mesmo “deslocamento ou descentramento do sujeito”. Não é novidade que a estrutura narrativa, esteticamente enfatizada, não linear, fora dos padrões da tradição romântica ou realista, já era cativa nas produções de escritoras e escritores como Proust, Lispector, Kafka, que empreenderam suas escritas a capacidade subversiva e, por que não, revolucionária no fazer literário, justamente pela abertura a produções que viesavam pela narrativa psicológica, pela fantasia e pelo impressionismo. Com isso, quero dizer que a narrativa de Noll, alimentado por essas vozes que o precederam e em muito o influenciaram, faz parte de escrituras que em muito se assemelham a esta estética literária que será profundamente esmiuçada na contemporaneidade.

No entanto, a produção de Noll não é uma mera repetição de aspectos do modernismo. Trata-se de uma ressignificação, uma reapropriação do estilo, acompanhado pelos conteúdos abordados, que fazem dessa escritura uma potência para se pensar a produção literária de escrita *queer*.

No Brasil, esta discussão já vem sendo recentemente desenvolvida por pesquisadoras e pesquisadores, cujo âmbito literário tem sido constantemente revisitado a partir de leituras motivadas pelas problematizações dos estudos *queer* acerca das construções do gênero e da



sexualidade nos textos ficcionais, sobretudo, nas obras constitutivas do cânone literário. Na obra *O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do século XIX*, de 2012, o pesquisador e sociólogo Richard Miskolci atenta para o processo de instauração de uma pedagogia nos corpos e a inscrição de uma masculinidade branca, forjada pelo ideal civilizatório colonial, a partir da análise de três romances populares da época, *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, *O Ateneu*, de Raul Pompéia e *O bom crioulo*, de Adolfo Caminha. Outra grande contribuição é a obra *A letra, o corpo e o desejo: masculinidades subversivas no romance latino-americano*, do pesquisador Anselmo Peres Alós, de 2013, fruto da sua tese de doutoramento. Neste título, o autor investiga os processos de subjetivação das personagens masculinas homossexuais em contraponto a formação de uma identidade nacional, a partir de uma leitura ancorada nos estudos *queer*, visibilizando práticas e personagens que fogem aos postulados da heteronorma, através dos seguintes romances: *Onde andaré Dulce Veiga?*, de Caio Fernando Abreu, *No se lo digas a nadie*, de Jayme Bayly e *El bejo de la mujer araña*, de Manuel Puig. Em 2014, o pesquisador Helder Maia publicou o livro *Devir darkroom e a literatura hispano-americana*, fruto da sua dissertação de mestrado. Neste livro, Maia investiga os processos de construção da *escritura queer*, através da análise literária e intelectual dos escritores argentinos Néstor Perlongher e Copi. A *escritura queer* nestes autores, conforme proposto por Maia, compõe uma “constelação” de enunciações e enunciados que desterritorializam a heteronormatividade e a heterossexualidade compulsória.

Obviamente, não se esgotam nestes três as produções acadêmicas, sejam brasileiras/os ou não, que veem problematizando os projetos de sexualidades fundamentados na heteronorma, bem como visibilizando práticas sexuais e afetivas que rompem com a sexualidade hegemônica. No entanto, estas três obras e estes autores nos apresenta uma mostra do panorama contemporâneo de produção intelectual que vem sendo construída no Brasil, pensando o campo literário, a partir das contribuições dos estudos *queer*.

A cartografia literária construída por Noll também se insere em uma *escritura queer* porque produz uma multiplicidade de rupturas com certa moralidade religiosa imposta, com a lógica da produção dos corpos, dos gêneros e das sexualidades hegemonicamente heterossexuais, com a construção de uma visibilidade para os corpos que habitam a marginalidade, o abjeto e o grotesco, e, sobretudo, com a produção de uma literatura terrorista, textualmente não higienizada e fora dos escopos da tradição romântica, ainda hoje vigente.

Alguém tropeça no meu sono e eu grito o nome não digo. Nome não. Não adianta retalhar meus nervos, me inquirir, interrogar, nem mesmo torturar. Nome não. Quando criança me ensinaram



assim: nome, idade, endereço, escola, cor preferida. Não, não vou entregar ao primeiro que aparece; nome, idade, essas coisas soterram um tesouro; sou todos, e quando menos espera, ninguém. Meu nome não. Sou negro como aquele ali bebe a pitu no balcão e esgravata com palito de fósforo a falta de dentes pra rememorar a miséria. Não tenho cor. Sou incolor como você posta de nada e morro agora neste instante se você vier... (NOLL, 1989, p. 31).

O sujeito que recusa ao nome, à identificação, compõe este vasto campo da filosofia francesa pós-moderna que compreende a construção discursiva acerca do sujeito. Negar uma identificação é negar a linha de separação da diferença, e, portanto, de produção de identidades e diferenças, revelando a precariedade discursiva que está por detrás da ontologia do sujeito moderno. Esta escritura coloca em evidência aquilo que Deleuze e Guattari (2014, p. 35) chamaram de “literatura menor”, compreendendo que “uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior”. Noll propõe uma literatura menor, que, em certa medida, problematiza os postulados da noção de sujeito, identidade e diferença, como este sujeito-narrador, que vive no limbo social, mas que existe e a sua existência é a resistência necessária para se promover uma nova gramática literária, social e política:

[...] e as cambalhotas saltam para o ar de estrelas e como se fosse a última noite avanço em direção ao menino que está de costas e de um bote puxo sua cueca e debaixo d’água meto meu caralho duro no cu do menino como se a matéria atraísse a matéria e jamais se colidissem por que meu caralho entrava como se tivesse sido feito para aquele cu e o urrava e da minha boca era expelida a saliva da consagração e eu mordida os cabelos do menino e arrancava com os dentes feixes do seu cabelo e o menino urrava e eu blasfemava contra a Criação e o menino fechava os olhos e sacudia a cabeça e urrava e o seu cu era fundo e o meu caralho sempre avançava mais e eu montei no menino com os pés em volta das suas ancas e as ondas escuras batiam violentas arrebentavam na nossa foda (NOLL, 1989, p. 64).

Uma literatura menor que promove uma ruptura uma desterritorialização da língua, através do rebuscamento linguístico e, ao mesmo tempo, a utilização de palavras como “cu”, “caralho”, “foda”, além de toda a construção narrativa que as inserem, a ligação no imediato-político, que vincula autor-história-sociedade e ao agenciamento coletivo da enunciação (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 39).

3. (Des)construindo sujeitos, reivindicando outras existências

Enquanto a Antiguidade terá como imperativo do cuidado de si o “exterior”, a visibilidade e a superficialidade humana, o pensamento pequeno-cristão-burguês deslocará a noção de sujeito para um regime do interior, do centro, do núcleo e origem definidos e voltados a uma purificação feita de



dentro para fora, através da renúncia do mundo e dos valores não cristãos (SANTOS, 1999). A ética cristã na cultura média, que promove uma renúncia de si, de um eu-mundano e aparente, cria uma subjetividade a partir de uma transcendência divina, renunciando ao plano mudando e ao “exterior”. A “verdade” só seria encontrada no “interior” de si mesmo. Esta ética cristã deu origem a uma formulação acerca da noção de sujeito marcado pela virtualidade, na experiência da confissão, por exemplo, e pela interiorização e individualidade do ser humano. O desdobramento desse pensamento encontra-se enraizado no imperativo da moral kantiano, que, por conseguinte, encontrou solo fértil na psicanálise freudiana, na modernidade (BIRMAN, 2000).

A modernidade pode ser, então, caracterizada, dentre muitos outros modos, pela emergência de uma “filosofia do sujeito”. A “noção de sujeito” será amplamente discutida e marcada pela concepção da “ontológica do ser humano”. Segundo Hall (2006), a construção do sujeito sociológico consistia na separação entre “o interior” e “o exterior”, cuja premissa é imprimir no sujeito moderno a complexidade da vida moderna (notadamente ocidental e urbana), uma exterioridade e também uma interioridade, um “eu”. Essa concepção de sujeito marcou o surgimento das multiplicidades identitárias, da crise existencial e psicológica. O surgimento da *psique* humana, da luta de classes e do existencialismo contribuiu substancialmente com uma nova ordem de funcionamento das mentalidades acerca do sujeito na modernidade (BIRMAN, 2000).

Nesse contexto, a modernidade deixou-nos como legado o “primado da subjetividade”. A subjetividade inaugura uma complexidade humana no tocante a uma estética da existência, uma ética e uma forma política de produção dos saberes. Conforme Foucault, a subjetividade corresponde a uma tecnologia, uma produção discursiva acerca do engendramento humano – o que pode ou não ser considerado humano; o que está no plano da humanidade *etc.*”. A subjetividade não estaria na origem, de maneira naturalizada, mas como um ponto de chegada de um processo complexo, um *devenir*” (BIRMAN, 2000, p. 80). Sendo assim, o primado da subjetividade, construído a partir de uma ontologia, de uma origem da ordem do natural, do dado, o que conferia o *status* de “natureza humana”, de essência, na perspectiva pós-estruturalista, é problematizada a partir da compreensão das “tecnologias de si” (FOUCAULT, 2004). Foucault, analisando as técnicas que produzem os sujeitos na Antiguidade e também na modernidade, observou que não existe o “sujeito” em si, *a priori*, dentro de um “eu” profundo e inalcançável, mas formas de subjetivações, criadas a partir das diversas tecnologias discursivas dos dispositivos de saber-poder, situados historicamente no tempo e espaço.



A compreensão acerca do “sujeito” é fundamental por três motivos principais: a noção de sujeito a partir das tecnologias de si abre o campo da compreensão acerca da produção das subjetividades e dos processos de identificação, tão presente na obra nolliana, sobretudo em *A fúria do corpo*; os estudos *queer* problematizam a ontologia do sujeito, principalmente, a naturalização e consequente fixação de “um sujeito universal da História”; e porque a desconstrução da filosofia do sujeito nos permite melhor compreender as “práticas de si” empregadas para garantir a eficácia e a existência de determinados discursos que privilegiam determinados corpos, gêneros, desejos e práticas sexuais, em detrimento de muitos outros.

É preciso deixar claro que tanto a inauguração de uma ontologia do sujeito quanto a sua desconstrução corresponde a uma operação da linguagem, no nível do discurso e que envolve uma violência. Entretanto, a desconstrução da noção de sujeito ontológico é mais que violentar a noção cristalizada de uma “natureza humana”, é poder registrar novas produções de subjetividades e de novas possibilidades de existências. Renunciar à concepção ontológica da humanidade não implica necessariamente na descrença das posições de sujeito e no exercício do poder e da dominação, mas, ao contrário, permite uma maior observação acerca dos dispositivos de poder que são empregados para a manutenção de discursos legitimados e aqueles que serão descartados.

O sujeito-narrador-personagem que aparece em *A fúria do corpo* é marcado por essa concepção de sujeito desnaturalizado. Corresponde a um “devir” humano, nos termos de Deleuze e Guattari, uma velocidade e uma multiplicidade. Ele não representa uma ontologia ou uma fixação identitária mas, contrariando a perspectiva do sujeito identitário que pergunta “quem é o sujeito?”, se insere numa perspectiva deleuziana, perguntando: “é preciso falar em sujeito?”

O meu nome não. Vivo nas ruas de um tempo onde dar o nome é fornecer suspeita. [...] O que não vou te declarar é o nome e todos os dados que me confrangem a uma certidão que além de me embalsamar num cidadão que desconheço servirá de pista a esse algoz (imperceptível de tão entranhado nas nossas já tão fracas presenças) (NOLL, 1989, p. 9).

Inclusive, até o nome da sua eterna amada, Afrodite, é realizado em um “batismo” fora dos padrões tanto cristãos quanto civis: “neste exato instante em que ponho a mão sobre a cabeça desta mulher e a consagro com o nome novo: AFRODITE” (NOLL, 1989, p. 9). Esse sujeito-narrador-personagem ocupa as margens não apenas por sua “desidentificação” como também por sua condição socioeconômica: mendigo, a maior parte do tempo; prostituto em outros momentos; ela, Afrodite, também dançarina e puta. Essa caracterização lhes confere um não acesso ao consumo, ao



não pertencimento a uma classe socialmente aceita e respeitada, e, conseqüentemente, a uma cidadania precarizada. “Sou um desterrado pois não? Sou um asceta exposto ao riso alheio, isso sim quem sou. Mas permaneço, eis a minha verdade, permaneço enquanto os homens aí pensam que a razão está com eles (NOLL, 1989, p. 21).

É possível observar que a sua subalternidade é um poço de resistência. Mesmo compreendendo a sua condição de marginalidade e de não acesso à cidadania, resiste ao processo de simples assimilação. Esta é a condição de “vidas precárias”, cuja ocorrência é encontrada em todas as sociedades ocidentais, e que correspondem ao bojo das vulnerabilidades, da distinção das “vidas que importam” e das vidas que não importam. Quem vive fora dos códigos de inteligibilidade moral não conta como humano. Esse pensamento acerca das precariedades é fruto das recentes pesquisas realizadas pela filósofa feminista J. Butler (2015b), que revela o quanto somos todas/os potencialmente precárias/os, em maior e menor grau, mas que a precariedade não nos define e a subalternidade é, antes de tudo, um elemento de resistência.

Na obra *A fúria do corpo*, é possível pensar a precariedade das existências e dos corpos não apenas através do recorte de classe, mas também através dos discursos acerca da produção dos gêneros e das sexualidades. De acordo com Butler (2015a), o regime de manutenção da heteronorma é embasado em uma matriz de inteligibilidade heterossexual: sexo – gênero – desejo – prática. Essa matriz revela a tecnologia que produz e sustenta a “naturalidade” dos corpos das diferenças sexuais: o *sexo* naturalizado através da genitália (pênis ou vagina) se transmuta em um *gênero*, a partir da anatomia (pênis = homem, vagina = mulher). O desejo é marcado pela capacidade reprodutiva (desejo pelo oposto), que desemboca em uma prática sexual (heterossexual).

Este não é apenas o desenho do pensamento que inaugura a noção de sujeito sexuado na modernidade, é também uma pedagogia. Conforme Louro (2000, p. 9),

Todas essas práticas e linguagens constituíam e constituem sujeitos femininos e masculinos; foram — e são — produtoras de “marcas”. Homens e mulheres adultos contam como determinados comportamentos ou modos de ser parecem ter sido “gravados” em suas histórias pessoais. Para que se efetivem essas marcas, um investimento significativo é posto em ação: família, escola, mídia, igreja, lei participam dessa produção. Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, freqüentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas; outras vezes, contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes, alternativas, contraditórias.



Tal pedagogia existe no exercício diário de reiteração dos gêneros: na vigilância institucionalizada sobre si e sobre o outro (FOUCAULT, 2015a), nos pequenos gestos, nas brincadeiras, e, sobretudo, no esforço em distanciar-se daquilo que constitui o meu oposto imediato, ou seja, o “não eu”. A essa reiteração de práticas e discursos sociais, cotidianamente experimentados, Butler (2015a) denomina de “performatividade de gênero”. É a repetição das formas designadas aos gêneros/sexos: é o ensinamento do que é “ser homem” e o que “é ser mulher”.

No entanto, como estou falando de *pedagogias*, de *técnicas*, de *performatividades*, estou no campo da linguagem e, logicamente, compreendendo as formas de produção dos sujeitos a partir da linguagem. Assim, como é possível observar na escritura nolliana, “os corpos escapam às normas” (BUTLER, 2015a). Não escapam à linguagem jamais, mas constroem outras gramáticas, outras formas de existir. Os sujeitos reinventam modos distintos de ser e se relacionar que, por vezes, necessitam enfrentar padrões hegemônicos, violentamente estabelecidos.

- Enfia a mão na minha buceta...

Afrodite arreganhou os lábios da buceta com os dedos e eu só aí notei que ela estava menstruada. Eu gostava daquele sangue, imprimiria nele a minha sede, e meu pau subia e nisso estava a minha dignidade, não a minha dignidade de macho ou qualquer coisa que significasse minha cidadania há tanto aviltada pela Cidade que me fora dada, não era macho nem fêmea nem cadela nem galo, eu era meu pau subindo [...] (NOLL, 1989, p. 26).

4. Sujeitos do desejo: performativizando um corpo abjeto

Há uma infinidade de precariedades que podem acometer os sujeitos. No entanto, é necessário compreender que a “precariedade” é uma instância de subalternidade que reivindica uma respeitabilidade social, mas não pela via da assimilação e do apagamento das diferenças identitárias de gênero, raça, etnia, geração, sexo *etc.*, mas pela via da militância e pelo direito a ser o estranho, o monstro, o *queer*. Compreendo o corpo aqui como uma instância da linguagem que só adquire significado nos discursos e nas relações de poder (FOUCAULT, 2015a). Um ato “performativo” e não apenas uma *performance* (BUTLER, 2015a), visto que a performance, a partir de um ato teatral deliberado, pressupõe uma “consciência” do papel desempenhado. Segundo Butler (2015a), o corpo desempenha um ato performativo não consciente das reiterações dos gêneros. O corpo desempenha em sua superfície uma inteligibilidade momentânea, que precisa ser constantemente retroalimentada para não escapar à normalização. No entanto, os corpos encontram linhas de fuga que permitem questionar a norma de gênero/sexo e a sua integridade de naturalização. “A performatividade deve ser compreendida



não como um ‘ato’ singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia.” (BUTLER, 2015a, p. 111).

Em um dos bordejos pela cidade do Rio de Janeiro, cidade onde está situada a história no romance de Noll, o sujeito-narrador-personagem depara-se com a sua vizinha, que não se distingue pelo gênero. Chama-se Baby e é aeromoça. São as únicas informações que temos a partir da leitura:

Hoje Baby aparece aqui vestida de homem, conta que virou sapatão de uma hora pra outra, que não suporta mais os homens e que tem experimentado uma mulher do soçaito, conta que tá ficando ágil com mulher na cama, conta as técnicas lésbicas que aprendeu, é tudo muito prático, ela garante. Tento ser sensato, adulto, e lhe pergunto por que se vestir de homem, há necessidade? Responde que assim como seu nome não é Baby a forma feminina também nunca lhe pertenceu e que vai tentar se apossar da masculina. Respondo que quero experimentar e gostaria que ela me vestisse de mulher (NOLL, 1989, p. 83).

Logo após essa cena, eles transam. Baby, excitada por aquela mulher que ajudou a compor; ele, enlouquecido pelo homem que vê. (É possível que esse ato sexual esteja no plano da heterossexualidade?). A transa ocorre entre corpos que performam um desejo marcado pela impossibilidade na lógica da tradição da matriz heterossexual, mas que existe, resiste e reinventa sujeitos, desejos e práticas. A essa capacidade de transitar em mundos possíveis que aciono os conceitos de “devir”, “desterritorialização”, “desejo” e “corpo sem órgãos”, de Deleuze e Guattari. Contrariando a escola freudiana acerca do desejo, Deleuze e Guattari não compreendem o desejo como “a falta”, cuja vontade (desejo) designa uma relação de causa e efeito: “busco algo que falta em mim”; mas, ao contrário, compreende que o desejo é uma força rizomática⁶, um fluxo: uma corrente infinita de agenciamentos possíveis, que se entrecruzam, e que são forçados a estabilizar e territorializar vontades. Os desejos são potências criativas, cujo fluxo é cortado através dos significados culturais estabelecidos em um dado tempo e espaço:

Deixarão que vocês vivam e falem, com a condição de impedir qualquer saída. Quando um rizoma é fechado, arborificado, acabou, do desejo nada mais passa; porque é sempre por rizoma que o desejo se move e produz. Toda vez que o desejo segue uma árvore acontecem as quedas internas que o fazem declinar e o conduzem à morte; mas o rizoma opera sobre o desejo por impulsões exteriores e produtivas (DELEUZE; GUATTARI, 1995 p. 22).

Sendo assim, os desejos correspondem aos fluxos de agenciamentos, que conduzem a novas práticas culturais, sociais, históricas e simbólicas. E para melhor compreender a ação rizomática do

⁶ Acerca do rizoma, ver Deleuze e Guattari, *Mil platôs*, vol. 1.



desejo deleuziano, nada como enveredar pelo complexo sistema do *devoir*. O *devoir* aparece como um profundo processo de singularização, o qual permite a ampla conexão das singularidades e multiplicidades que permeia a existência humana:

O lobo como apreensão instantânea de uma multiplicidade em tal região não é um representante, um substituto, é um *eu sinto*. Sinto que me transformo em lobo, lobo entre lobos, margeando lobos, e o grito de angústia, o único que Freud ouve: ajude-me a não tornar-me lobo (ou, a contrário, a não fracassar neste *devoir*). Não se trata de representação: não acreditar que se é um lobo, representar-se como lobo. O lobo, os lobos são intensidades, velocidades, temperaturas, distâncias variáveis indecomponíveis. É um formigamento, uma inflamação (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 43).

Há, por exemplo, na cena entre Baby e o sujeito-narrador-personagem, um *devoir* em ambos que correspondem aos seus desejos de gênero. O *devoir* não é um território, uma identidade, é um fluxo, uma corrente que perpassa a existência humana, sem fixações, sem estabilizações.

Os agenciamentos possíveis que permitem infinitas construções identitárias, de gênero, de sexo, se manifestam no “corpo sem órgãos”. “O corpo é tão-somente um conjunto de válvulas, represas, comportas, taças ou vasos comunicantes: um nome próprio para cada um, povoamento do CsO, metrópoles, que é preciso manejar com o chicote” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 12). O “corpo” deleuziano é antes uma antimatéria, posto que é a potência necessária para a fuga às normas. O *corpo sem órgãos* (CsO) é a desvinculação do corpo (re)produtivo como fim-último da existência humana. É uma reclamação às experiências negadas e recalçadas ao longo da história do ocidente pela culpa cristã e pelos fantasmas psicanalíticos.

O CsO é o que resta quando tudo foi retirado. E o que se retira é justamente o fantasma, o conjunto de significâncias e subjetivações. A psicanálise faz o contrário: ela traduz tudo em fantasmas, comercializa tudo em fantasmas, preserva o fantasma e perde o real no mais alto grau, porque perde o CsO (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 11).

O que é um corpo sem órgãos? É, necessariamente, um projeto político-filosófico anti-humanista, antipsicológico e anticausal. Isso implica dizer que se trata de uma perspectiva analítica e militante acerca da produção dos saberes sobre os corpos e das práticas de si, fora dos esquemas heteronormativos psicanalíticos, fora dos contínuos da hermenêutica de causa e efeito e longe da manutenção de uma certa ontologia do sujeito. A experiência do corpo sem órgãos é a potência máxima de subversão dos corpos docilizados. É, no limiar, uma experimentação não natural, cujo corpo é não apenas palco, mas também personagem da performatividade empreendida.



[...] eu mordida o seio dela que guardava o coração você me dizia vem, e em cada convite mais uma curva do labirinto se desenhava; eu enfrentava mais uma curva e me perdia mais uma vez ao teu encontro. E cada encontro nos lembrava que o único roteiro é o corpo. O corpo (NOLL, 1989, p. 24).

O corpo sem órgãos é uma estética do cu. O sujeito-personagem-narrador desloca o seu corpo para a satisfação dos desejos, dos fluxos. O seu devir de corporalidade sem órgãos, sem produtividade consumível e desejada socialmente, produz uma rejeição socialmente construída, uma precariedade desse corpo, dessa prática e dessa existência. Para Kristeva, a partir de uma perspectiva lacaniana, o abjeto está na esfera do descartável, “do não sujeito, do dejetivo” (SANTOS, 2013), e faz parte de um processo individual e subjetivo na constituição do sujeito. No entanto, Butler (2015a) compreende a abjeção como “zonas” que são construídas socialmente, a fim de delimitar vidas possíveis, viáveis, que possuem direito à “humanidade” e a possibilidade de existência. Assim, as zonas abjetas, cujas vidas precárias habitam, constroem redes de solidariedades, as quais permitem uma resistência afetiva e efetivamente política. A abjeção é, assim, construída para demarcar uma “geopolítica do não humano”. No âmbito dos gêneros e das sexualidades, a instituição heterossexualidade como norma e padrão a ser seguido cria corpos indesejáveis (como a masculinização de mulheres, a feminilidade em corpos masculinos, as vidas trans⁷, etc.) e práticas sexuais desviantes. Ou seja, criam corpos abjetos

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito (BUTLER, 2015a, p. 112).

A heterossexualidade marcada pela reprodução, a partir dos discursos da biologia e medicina, inscreve o desejo na delimitação zonas erógenas, atribuindo apenas ao pênis e a vagina a competência de produzir prazer. Conforme Alós (2011), é justamente a base biológica que inscreve as diferenças sexuais no binarismo (homem/mulher), cuja existência humana é viabilizada. A distinção sexual é ainda mais evidenciada, marcadamente pelas primeiras teorias feministas, através da consolidação do conceito de “gênero”, como categoria operacional do “feminino” e do sujeito do feminismo, a mulher, e que se oporia ao “sexo”, visto que o primeiro estaria para o “comportamento social”, e o segundo para “a natureza biológica” dos seres humanos. Esta compreensão tem sido constantemente problematizada, inclusive pelas próprias teorias feministas, pois a divisão

⁷ O termo *trans*, amplamente utilizado na academia atualmente, tem sido utilizado conjuntamente com o asterisco, para indicar uma diversidade de experiências de gêneros inconformes com as normas sexuais e de gênero estabelecidos pela heteronorma.



conceitual entre “gênero” e “sexo”, perpetua a designação da biologia e da “natureza” como ponto de partida para a constituição das identidades e subjetividades humanas. Butler (2015a) apresenta o caráter discursivo e simbólico que permeia a designação tanto da compreensão de “gênero” quanto de “sexo”, visto que “mesmo que a diferença sexual esteja situada no âmbito da biologia, é apenas quando é simbolizada, isto é, quando passa para os domínios da linguagem e da cultura, que essa diferença produziria a diferença entre os gêneros” (ALÓS, 2011, p. 430).

O *sistema sexo-gênero*, conceito estruturado pela feminista e antropóloga Gayle Rubin, organiza a sociedade a partir da divisão social do trabalho e inscreve as diferenças sexuais através da lógica heterossexual da reprodução. Portanto, a reprodução constitui o lugar de prestígio social e de coerência dentro de uma sociedade marcada pelo pensamento hegemônico da heterossexualidade como prática viável, natural e legítima (ALÓS, 2011). A prática sexual fora dos escopos das áreas delimitadas para a reprodução (pênis/vagina) são rechaçados e reiteradamente proibidos, tanto numa prática homossexual, quanto heterossexual. Assim, o cu se inscreve na zona da abjeção.

Beatriz Preciado, em sua obra *Manifesto contrasexual*, anuncia como o prazer do cu é perigoso à manutenção da matriz da inteligibilidade heterossexual. Nas palavras de Guy Hocquenchem, “o buraco do meu cu é revolucionário”. Preciado (2002) afirma que há uma operação simbólica no Ocidente moderno de castração anal. Inclusive, na prática heterossexual, “dar o cu” é avançar um limite imposto pela norma. O cu confunde a manutenção dos discursos naturalizantes sobre os corpos: *é universal, não é ativo, não é reprodutivo, não possui gênero e desloca a prática sexual marcada pelas genitálias pênis/vagina*. Sendo assim, produzir uma estética do cu é posicionar o cu na linha de frente contra a heteronorma:

[...] e a bicha ali no elevador já me mostrava a bunda, bela bunda, a bicha abria as nádegas com as mãos e curvando-se mostrou o cu lisinho sem nenhum fio de cabelo, era vermelho, o cu da bicha, bonito, a pele interna delicada e inflamada de tanto uso, vermelha, gomos vermelhos de uma fruta escondida, prendia e soltava os músculos do cu arreganhado, belo cu, belo (NOLL, 1989, p 93-94)

Noll evidencia todo o terrorismo que o cu provoca: a injúria, a rejeição, a difamação e também o arrebatamento e o desejo. O cu era o objeto e instrumento de desejo e também de realização profissional: “eu nunca tinha sido puto nesse sentido mais ortodoxo da palavra. Puto, ter dado o buraco que tinha em troca de grana [...]: dar o cu; o cu legítimo, não o figurado e sordidamente eufemístico que damos pela via afora até morrer” (NOLL, 1989, p. 107).



Dar o cu é uma revolução. E não só na prática homossexual, visto que a prática sexual pelo cu instaura uma ruptura na base ideológica da heterossexualidade, que é a reprodução humana. *Dar o cu* institui um contradição epistemológica na forma de se conceber a sexualidade humana hegemonicamente heterossexual. *Dar o cu*, portanto, amplia as possibilidades de prazer, concebe e visibiliza práticas sexuais historicamente subalternizadas, permite repensar os projetos de criação de sujeitos e possibilita recriar novas humanidades.

Referências

- ALÓS, Anselmo P. Gênero, epistemologia e performatividade: estratégias pedagógicas de subversão. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 2, maio/ago. 2011. p. 421-449.
- _____. *A letra, o corpo e o desejo: uma leitura comparada de Puig, Abreu e Bayly*. 2007. 229f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007. Orientadora: Profa. Dra. Rita Terezinha Schidt.
- BARTHES, R. *Novos ensaios críticos o grau zero da escritura*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- BARTES, R. A morte do autor. In: _____. *O rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 1984.
- BENTO, Berenice. Estudos de gêneros: o universal, o relacional e o plural. In: _____. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Natal: EDUFRN, 2014. p. 81-131.
- BIRMAN, J. Desconstrução da filosofia do sujeito. In: _____. *Entre cuidado e saber de si: sobre Foucault e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. p. 80-99.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015a.
- _____. *Quadros de guerra: quando uma vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015b.
- _____. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015c.
- COLLING, Leandro. Teoria queer. *Mais definições em trânsito*, s/d. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/?page_id=823>. Acesso em: 25 de maio de 2012.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.
- _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 3. São Paulo: Editora 34, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2006.
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. *História da sexualidade: a vontade do saber*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015a.
- _____. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015b.
- _____. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015c.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LAQUEUR, Thomas. *Inventando do sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.



- _____. Teoria *queer*: uma política pós-identitária para a educação. *Estudos Feministas*, Florianópolis, Florianópolis, v. 9, n. 2, jun./dez. 2001. p. 541-553.
- MAIA, Helder T. *Devir darkroom e a literatura hispano-americana*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.
- MISKOLCI, R. Não somos, queremos: reflexões *queer* sobre a política sexual brasileira contemporânea. In: COLLING, Leandro (Org.). *Stonewall: 40 + o que no Brasil*. Salvador: Edufba, 2011.
- _____. *O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do século XIX*. São Paulo: Annablume, 2012.
- _____. A teoria *queer* e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, n. 21, 2009, p. 150-182. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222009000100008>. Acesso em: 21 ago. 2013.
- NOLL, João G. *A fúria do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos *queer*. *Revista Contemporânea*, v. 2, n. 2, Jul.–Dez. 2012, p. 395-418. Disponível em: <<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/89/54>>. Acesso em: 28 de maio de 2014.
- PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contrasexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Madri: Opera Prima, 2002.
- _____. Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”. *Estudos Feministas*, v. 19, n. 1, p. 11-20, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n1/a02v19n1.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2012.
- SALIH, S. *Judith Butler e a teoria queer*. Tradução de Guacira Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- SANTOS, Roberto C. O exterior. In: _____. *Modos de saber, modos de adoecer: o corpo, a arte, o estilo, a história, a vida, o exterior*. Belo Horizonte: UFMG, 1999. p. 51-60.
- SANTOS, Matheus A. Abjeto em disputa. In: COLLING, L.; THURLER, D. *Estudos e políticas do CUS*. Salvador: Edufba, 2013. p. 61-87.

